

# LOUIS ALTHUSSER E OS ESTUDANTES: APRENDER CIÊNCIA PARA FAZER POLÍTICA

Taís Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante os anos 1960, o Movimento Estudantil na França se reorganizou de forma autônoma aos ditames do Partido Comunista ao se posicionar criticamente na Guerra da Argélia. Esta reconfiguração teve efeitos profundos no movimento, que passou a manifestar demandas próprias da categoria no tocante às relações de poder na Universidade. Como docente na Escola Nacional Superior, Louis Althusser não só acompanhou de perto esses desdobramentos da organização dos estudantes como incorporou suas diferenças em relação ao ponto de vista estudantil em artigos de discussão política. Ao afirmar que a relação entre professores e alunos na Universidade seria a expressão técnica da função pedagógica, Althusser dissipava o posicionamento estudantil ao recusar a alegação de que a produção do saber científico seria fundada em relações de poder ou hierarquias injustas. Em complemento à obra teórica, os artigos em que o filósofo procurou debater com os estudantes são parte importante da sua produção neste momento, em meio ao qual será publicado o ensaio *Aparelhos ideológicos de Estado*.

**Palavras-chave:** Louis Althusser; Ciência; Ideologia; Movimento Estudantil

## LOUIS ALTHUSSER AND THE STUDENTS: LEARNING SCIENCE TO DO POLITICS

**Abstract:** During the 1960s, the Student Movement in France reorganized itself autonomously from the dictates of the Communist Party by taking a critical stance on the Algerian War. This reconfiguration had profound effects on the movement, which began to express its own demands regarding power relations at the university. As a lecturer at the École Nationale Supérieure, Louis Althusser not only closely followed these developments in student organization, but also incorporated his differences with the student point of view into political discussion articles. By stating that the relationship between teachers and students at University was the technical expression of the pedagogical function, Althusser dispelled the student position by rejecting the claim that the production of scientific knowledge was based on unfair power relations or hierarchies. In addition to the theoretical work, the articles in which the philosopher sought to debate with the students are an important part of his production at this time, in the midst of which the essay *Ideology and Ideological State Apparatuses* will be published.

**Key-words:** Louis Althusser; Science; Ideology; Student Movement

### Introdução

Nos anos 1960, os escritos do filósofo Louis Althusser representaram uma possibilidade de ler a obra de Marx tendo em vista a sua instrumentalização para a intervenção no mundo real. Para tanto, o filósofo procurava se desviar do uso da teoria com o fim de legitimar as ações do Estado soviético, sem, com isso, reduzir seus propósitos a um estudo acadêmico diletante. Althusser lecionava na Escola Normal Superior (*École Normale Supérieure* - ENS) de Paris, onde formou um grupo composto por jovens pesquisadores

246

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pelo Departamento de História da USP e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Professora efetiva do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP. E-mail: [tais.araujo@usp.br](mailto:tais.araujo@usp.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8770-9308>

denominado *Cercle d'Ulm*<sup>2</sup>, reunidos com o objetivo de transformar as concepções políticas tanto do Partido Comunista Francês (PCF) quanto do meio intelectual comunista, a partir de um esforço teórico de “restauração do [verdadeiro] pensamento de Marx” (Rancière, 2011, p. 62). Tratava-se de um grupo ainda comunista, mas marcado pela crise política provocada pelas omissões do PCF em relação à violenta invasão soviética na Hungria para conter uma revolta popular em 1956 e à denúncia dos crimes de Stálin, tornados públicos no mesmo ano pelos relatórios de Kruschchev.

Em 1961, a fim de ampliar o debate sobre a renovação do marxismo, o grupo coordenou o *Seminário sobre Marx*, agregando acadêmicos interessados em um retorno à obra de Marx, a partir sobretudo da análise de *O capital*. A leitura rigorosa dos textos do filósofo alemão incentivava a tomada por uma posição sobre o intelectual como um agente de transformação social, para quem a filosofia ensimesmada do ambiente acadêmico cedia espaço à teoria que qualificaria as reflexões sobre o modo de produção capitalista e sobre a atuação política do comunista. Ao se apresentar como uma possibilidade de contornar o dogmatismo do PCF e de aprofundar o conhecimento da teoria marxiana, a produção intelectual do grupo althusseriano passou a corresponder aos anseios de uma juventude com vontade de agir politicamente, mas desconfiada dos representantes oficiais do comunismo, dada a crise desencadeada pelos eventos de 1956. Dos seminários resultaram o livro de Althusser *Por Marx* [1965] e a obra coletiva *Para ler O Capital* [1966], publicações que impactaram o meio marxista da época e consolidaram o *Cercle d'Ulm* como propositor de um marxismo independente das orientações da União Soviética e Althusser como o filósofo do estruturalismo.

Tendo como paradigma o pensamento de Baruch Spinoza, a proposta de Althusser inovava por incentivar a leitura estrutural dos textos clássicos, sem interferência de outras interpretações. Com o objetivo de distinguir o objeto específico da Ciência, Althusser centralizava, em seu trabalho, os conceitos de Marx, dissociando os aspectos histórico-conjunturais do que seria o pensamento puramente lógico/científico presente em *O capital*. Essa separação foi esboçada nos textos althusserianos pela pretensão de impor um “corte epistemológico” na obra de Marx, dividindo o que seria o “ideológico” do “conceitual” (Costa, 2017).

Para Althusser, uma leitura científica dos textos de Marx significava a possibilidade de redefinição do conceito de “movimento operário” para que as premissas sobre seu significado e, principalmente, as coordenadas sobre sua direção nas lutas políticas fossem

<sup>2</sup> O *Cercle d'Ulm* é uma referência ao nome da rua em que se localizava a ENS de Paris. Nos anos 1960, O “*cercle*” reunia althusserianos como Jacques Rancière, Roger Establet, Jacques-Alain Miller, Robert Linhart e Jean-Claude Milner.

ajustadas em acordo estrito com os textos clássicos (Rancière, 2012a, p. 31). À luz dos conceitos de Marx, o stalinismo seria considerado um desvio ideológico do materialismo dialético e não um estado político a se manter indefinidamente, por isso a análise althusseriana será acolhida como uma renovação necessária de um marxismo que se recusava a utilizar a teoria com o fim de justificar ideologicamente a prática do regime burocrático da União Soviética, mesmo que para tanto fosse necessário corrigir as teses do partido comunista.

Apesar da preocupação do grupo da rua Ulm com os caminhos tomados pelo PCF, grande parte da sua produção em revistas de debate marxista<sup>3</sup> cujo tema era a práxis política voltava-se, sobretudo, contra a “ideologia espontânea” dos estudantes ou o “esquerdismo”<sup>4</sup> das entidades estudantis. Essa relação dos filósofos marxistas com os estudantes seria bem expressa num artigo de grande prestígio, *Problèmes étudiants* (1964), publicado por Althusser como uma forma de manifestar sua crítica às greves estudantis de 1963.

Em 1968, com a intensificação do movimento de revolta estudantil e operária na França nos meses de maio e de junho, o grupo althusseriano foi profundamente afetado. Alguns filósofos tiveram suas convicções colocadas em questão, sobretudo após a criação da Universidade de Vincennes em setembro de 1968, que catalisava o ímpeto de mudança trazido pela revolta, tornando-se o lugar por excelência do “experimentalismo”, do espírito “pluridisciplinar”, fomentando discussões sobre as relações entre teoria e política, problematizando as hierarquias intelectuais entre professores e alunos, se preocupando com o acesso à Universidade (Ramos do Ó, 2018). Já outros participantes do *Cercle d’Ulm*, incluindo o próprio Althusser, não teriam visto nas greves nada além da conflagração de um movimento ideológico conduzido por frações da “pequena burguesia” estudantil.

Este balanço, ainda que negativo sobre a revolta, se reverteu em reflexões teóricas consideráveis tecidas no texto *A propósito do artigo de Michel Verret sobre o “Maio estudantil”* (2017) [1969] e em *Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)* (1983) [1976], ocasiões em que Althusser se deteve especificamente na análise do significado político-ideológico dos eventos de Maio de 68 relacionados aos estudantes. O impacto do movimento,

<sup>3</sup> Nos *Cahiers marxistes-leninistes*, por exemplo. O tom dos artigos é a crítica ao excessivo ecletismo das entidades estudantis em vez do alicerce nos textos conceituais de Marx.

<sup>4</sup> A palavra em francês “*gauchisme*” é de difícil tradução, pois pode tanto ser um termo positivo quanto pejorativo. Nessa passagem, optamos pela palavra “esquerdismo” visto que se trata de posicionar Althusser de acordo com o seu ponto de vista a respeito de seus interlocutores. Como Althusser refere-se à juventude não corretamente alinhada ao marxismo como “*gauchisme*”, então esse termo é utilizado, por ele, de maneira pejorativa para desqualificar o interlocutor, como se utiliza em português o equivalente “esquerdismo”. Nesse caso, “esquerdismo” recupera o sentido do termo cunhado por Lênin no texto “Esquerdismo, doença infantil do comunismo” para se referir a um partido ou posição que se caracteriza por revolucionarismo pequeno-burguês, pelo semi-anarquismo, por repudiar o marxismo, por não compreender a necessidade de se considerar, de maneira objetiva, as forças de classe e suas relações mútuas antes de colocar em prática a ação política. Disponível em: [www.marxists.org/portugues/lenin/1920/esquerdismo/index.htm](http://www.marxists.org/portugues/lenin/1920/esquerdismo/index.htm). Acesso em: 09/06/2021.

entretanto, não se restringiram a textos de ocasião, mas incentivaram a publicação mais conhecida do autor, o ensaio *Aparelhos ideológicos de Estado* (1983) [1970].

Entre o artigo *Problèmes étudiants*, os textos sobre Maio de 68 e o clássico ensaio de 1970 encontramos um fio condutor fundamentado no modo como Althusser concebia a noção de saber e esboçava as relações da teoria com a prática política. Neste artigo, nos propomos a estabelecer os vínculos entre textos do autor que geralmente não são vistos como frutos de um mesmo gesto e, com isso, ressaltar a importância dos artigos resultantes do debate político dos anos 1960 para a escrita do ensaio teórico mais conhecido do filósofo.

### ***Problèmes étudiants*: a contraposição entre a ciência e a ideologia em esboço**

Desde os anos 1960, a renovação da leitura althusseriana de Marx não tinha por objetivo uma virada academicista do marxismo perante as dificuldades impostas pela prática do socialismo. O retorno aos textos clássicos, livre de interpretações construídas *a posteriori* e dos elementos contextuais, era considerado uma ação política, a defesa de um “partido da teoria de Marx” (Rancière, 2012, p. 31). A análise de Althusser informava o posicionamento do marxismo de forma a opor os althusserianos a duas tendências predominantes na esquerda francesa: o “revisionismo dogmático” do comunismo predominante nas organizações partidárias e sindicais e o “esquerdismo” dos grupos estudantis.

As críticas de Althusser em relação ao primeiro grupo miravam os comunistas nos sindicatos e nas suas organizações, subordinados ao Partido Comunista Francês (PCF) devido à sua total adesão ao que condenavam como uma leitura “revisionista” da teoria marxista. No contexto pós 1956, predominava nos circuitos intelectuais progressistas o debate sobre como se deveriam organizar os meios para se chegar ao comunismo. Os partidos comunistas tendiam a manter seu alinhamento ao PCUS e, assim, desaprovavam a ideia de que seria necessária a eclosão de uma revolução para instaurar o comunismo, revelando assim grave contradição em relação à obra de Marx.

Na visão de Althusser, o partido se perdia numa “ilusão jurídica da política” (Martuscelli, 2014, p. 168), que seria o equívoco do PCF em se focar no fomento da luta de classes em meio às instâncias estatais, participando de eleições e compondo alianças a fim de ocupar cargos de governo, dissipando do seu horizonte a tomada do poder pela via revolucionária. De acordo com a crítica de Althusser, seria justamente esse tipo de postura política que teria levado à burocracia stalinista e à cristalização da ideia, entre o partido comunista, de que o socialismo, tal como consolidado na União Soviética, seria o objetivo

último da luta política. Distanciando-se dessa posição, o filósofo defendia que o socialismo seria antes um “modo de produção instável”, uma fase de *transição* para o comunismo, do que um ponto de chegada. Diante desse quadro, a tarefa prioritária do PCF seria a de organizar a luta de classes enquanto vanguarda das massas populares, se quisesse manter-se fiel à teoria marxista.

Já em relação ao esquerdismo, Althusser divergia de parte do Movimento Estudantil que se reconfigurava em relação a suas demandas, num contexto de novas formas de fazer política tomando o meio estudantil em resposta à postura pública de neutralidade do PCF frente à Guerra da Argélia. A principal entidade representativa dos estudantes, a *Union des étudiants communistes* (UEC), que até então se limitava a seguir as orientações do PCF, passou a alinhar-se aos grupos avessos ao partido e a reivindicar práticas autônomas dos estudantes, realizando uma “convocação protocolar da ação direta”, a crítica ao Estado em si mesmo – e não somente ao regime de De Gaulle – e ainda a defesa da descentralização da direção das lutas de massas (Ota, 2016, p. 55).

Após a eclosão da greve estudantil de 1963, essa autonomia buscada por parte do Movimento Estudantil seria o principal alvo dos escritos políticos de Althusser dos anos 1960. Nessa greve, os estudantes reivindicaram pautas próprias a partir da palavra de ordem “Sorbonne aos estudantes”, desobedecendo assim as orientações do PCF sobre a definição da política estudantil na Universidade, que deveria estar a reboque dos comunistas. Para Althusser essa autonomia expressa em palavras de ordem como essa poderia ter implicações negativas na prática. No caso em questão, o equívoco da “Sorbonne aos estudantes” seria a pretensão à paridade nas instâncias acadêmicas e nas relações entre professores e alunos, enquanto a formação de novos acadêmicos requeria, ao contrário, a desigualdade imanente à relação pedagógica (Althusser, 1964, p. 91).

Um outro aspecto, e mais relevante, da independência das entidades estudantis do PCF seria erro em protagonizar lutas políticas ideológicas e não científicas. Esta ideologização atacada por Althusser teria se iniciado com a definição pelas entidades estudantis de novas demandas de luta, a partir do engajamento dos estudantes contra a violência da colonização francesa na Argélia. Um evento particularmente decisivo para o engajamento dos estudantes foi a excessiva repressão imposta aos argelinos pelo Estado francês que se tornou visível nos eventos do “17 de outubro de 1961”. Neste dia, toda a força policial de Paris mobilizou-se contra os protestos organizados pela *Front de Libération Nationale* (FLN)<sup>5</sup>, que por sua vez,

<sup>5</sup> A FLN foi um movimento político argelino fundado em 1954, no início da Guerra da Argélia, para lutar contra a presença colonial francesa. Disponível em: <https://junior.universalis.fr/encyclopédie/front-de-liberation-nationale-algerie/>. Acesso em: 09/06/2021.

reivindicavam o fim do toque de recolher imposto pelo chefe de polícia da cidade para proibir os argelinos de ficarem nas ruas de Paris após as 20:30h. A resposta policial a um protesto pacífico de cerca de 30 mil participantes foi de uma violência aterradora, com aproximadamente cem manifestantes espancados e jogados no rio Sena depois de mortos. Algumas dúzias de argelinos foram entregues no pátio do chefe da polícia e violentados até a morte diante dos outros participantes do protesto. Aproximadamente seis mil pessoas foram levadas a ginásios esportivos reservados pela polícia a fim de prolongar a repressão (Ross, 2018, p. 67).

Em contrapartida, mesmo diante da repressão policial desmedida, a postura do PCF mantinha-se inabalável na defesa da resolução do partido de 1956 em relação a seu compromisso de apoiar políticas de negociação entre franceses e argelinos com o fim de estabelecer laços que fossem aceitos de acordo com os interesses do *povo francês* e do *povo argelino*. Esta postura foi criticada por outros grupos de esquerda e por militantes insatisfeitos com as diretrizes partidárias, pois se compreendia que o partido se encontrava, assim, imobilizado em relação a uma questão latente na sociedade francesa, postura que Jean-Paul Sartre definiria como a da “esquerda respeitosa” (*la gauche respectueuse*), “uma esquerda que respeita os valores da direita até se tiver consciência de que não os compartilha” (Sartre apud Ross, 2018, p. 61).

Grupos estudantis dissidentes surgiram logo após o evento do “17 de outubro de 1961” para se organizarem contra a Guerra da Argélia e contra grupos paramilitares e de extrema-direita como a OAS (*Organisation Armée Secrète*)<sup>6</sup> que atuavam em apoio às forças policiais nas manifestações argelinas e estudantis. Para os grupos dissidentes, como o *Comité Anticolonialiste étudiant* e o *Comité du Front Universitaire Antifasciste* (FUA), a UNEF (*Union Nationale des Étudiants de France*) continuava “corporativista” perante o que consideravam como a prioridade da política naquele momento: a realização de intervenções e ações diretas contra a violência policial sofrida pelos argelinos. Desse modo, “a verdadeira força política, ao que parecia, estava fora do aparato oficial dos sindicatos estudantis (...) os estudantes adquiriram sua própria tradição de luta” (Ross, 2018, p. 83).

No dia da Proclamação da Independência da Argélia em 19 de março de 1962, estudantes integrantes da FUA penduraram uma bandeira da FLN na Sorbonne. Tal ato demonstrava que o Movimento Estudantil continuava disposto a elaborar demandas alternativas à orientação das entidades oficiais. Esse rearranjo do ME mostrava que a nova forma de organização das manifestações estudantis não se restringiu à luta em prol dos argelinos, antes tomou força na greve estudantil de 1963, com a eclosão de novas demandas tais como a paridade

<sup>6</sup> Grupo considerado terrorista pelo governo francês por defender por todos os meios, inclusive atentados, a permanência francesa na Argélia (ROSS, 2018, p. 56).

entre professores e alunos na Universidade. Por meio do questionamento das hierarquias de poder, as reivindicações autônomas ao PCF se mantinham no horizonte das organizações, pois os estudantes articulavam os problemas vislumbrados no autoritarismo do Estado e das instituições policiais - presenciados nos eventos em relação aos argelinos - à estrutura autoritária da Universidade.

Desse modo, as novas formas de engajamento estudantil proporcionaram aos grupos estudantis a formulação de demandas próprias da categoria que não se identificavam com as pautas corporativas das entidades relativas especificamente a seus interesses. Como exemplos dessas novas demandas, os estudantes colocaram em questão a reflexão sobre a finalidade do saber universitário, formularam discursos sobre o combate à docilização dos estudantes no sistema universitário, realizaram críticas ao individualismo do trabalho acadêmico e denunciaram a arbitrariedade dos exames. Essas novas demandas buscavam o questionamento às relações entre o “saber dos educadores” e a manutenção da ordem existente (Rancière, 2011, p. 83).

De acordo com Edgar Morin, as manifestações estudantis dos anos 1960 demonstravam a insatisfação dos estudantes com o saber acadêmico, sobretudo com as Ciências Humanas, que eram vistas como um conhecimento que se adaptava à sociedade francesa com o fim de se tornarem ciências auxiliares do poder. Nessa manifestação, percebia-se algo mais amplo que a crítica ao que se desenrolava nas suas salas de aula, os estudantes davam voz a uma “recusa da vida burguesa considerada como mesquinha, reprimida, opressiva” o que acentuava nos estudantes “não a busca de uma carreira, mas o desprezo pelas carreiras de quadros técnicos que os esperam” (Morin, 2018, p. 33).

Esse é o contexto de *Problèmes étudiants* em 1964. Na primeira parte do artigo, Althusser define rigidamente o papel dos comunistas na Universidade como sendo o de domínio da teoria científica: o marxismo-leninismo. Na perspectiva althusseriana apresentada, somente a teoria possibilitaria o conhecimento da realidade e, por consequência, seria um instrumento para resolver as dificuldades da prática à luz da ciência: “Teoria científica e conhecimento da realidade, tais são as duas exigências às quais todas as ações dos comunistas devem satisfazer” (Althusser, 1964, p. 80). Althusser recorre a uma definição sucinta sobre a ação dos comunistas na Universidade com o fim de delimitar o papel dos estudantes como o de aprender com seus professores a teoria marxista, para, a partir daí, estarem devidamente instrumentalizados para a ação política: “Os estudantes ganharão um tempo considerável ao utilizar a ajuda dos seus camaradas melhor formados e a ajuda do Partido” (Althusser, 1964, p. 81).

Após afirmar que o dever fundamental dos comunistas seria o de assimilar a ciência marxista-leninista, em sua segunda parte o artigo trata da natureza desse saber como sendo

aquilo que “desperta o espírito crítico e exige a liberdade de pensamento indispensável ao nascimento e desenvolvimento de toda ciência”. Por sua vez, a “verdadeira ciência” seria correspondente a uma “necessidade técnica” da sociedade, ao desenvolvimento do que é necessário para a configuração de um modo de produção. A Universidade, como o lugar de formação dos cientistas, seria consequentemente parte da divisão técnica do trabalho, pois o seu produto se relaciona com as necessidades vitais da sociedade (Althusser, 1964, p. 84).

Esse caminho trilhado pelo filósofo é realizado com vistas a refutar as reivindicações estudantis da greve de 1963, a começar pela palavra de ordem do movimento, “Sorbonne aos estudantes”. Na sua visão, colocar os estudantes não só em posição de igualdade em relação aos professores, mas na de preponderância, conforme o lema instiga, seria uma demanda resultante de uma equivocada concepção do trabalho pedagógico por inverter a posição dos estudantes na estrutura universitária. Para o autor, o saber científico, que é próprio da função da Universidade, teria uma função pedagógica essencial: a de transmitir um conhecimento determinado aos sujeitos que não o possuem. Dessa forma, a *desigualdade* entre um “saber” e um “não saber” seria a condição da existência da função pedagógica, sendo que o detentor do saber estaria num posto superior em relação aos que não sabem, numa hierarquia estabelecida entre as duas posições. Essa hierarquia, entretanto, não seria um motivo justo para as críticas estudantis, já que a relação entre mestre e alunos seria a expressão “técnica” da função pedagógica, na qual o lugar próprio dos estudantes era o de “adquirir o saber” dos seus professores (Althusser, 1964, p. 90).

Ao classificar a relação pedagógica como “técnica”, Althusser determinava um lugar inquestionável para o professor como sendo o daquele que “sabe” em oposição aos que “não sabem” ou possuem um falso saber, o ideológico, mitigando a crítica estudantil às hierarquias universitárias. Esta assimetria se estenderia para além da sala de aula, sendo válida para caracterizar os espaços de deliberação da Universidade e dos grupos de pesquisa. Na visão de Althusser, ao exigir posições iguais em relação ao saber, os estudantes estariam propondo a formação de “meio-pesquisadores” (*demi-chercheurs*), mantendo-se presos à “ilusão” democrática do saber ou ao “meio-saber” (*demi-savoir*), de forma que não alcançariam a “arma do conhecimento científico” e *retardariam* o momento de aquisição da formação de pesquisadores de fato (Althusser, 1964, p. 94).

**Maior de 68: os estudantes e a insistência no erro**

253



Basilar da concepção althusseriana de “ciência”, a divisão do saber se fortaleceu no seu pensamento após os acontecimentos de Maio de 68. Em artigo de 1969<sup>7</sup> (2017), ao analisar o movimento, Althusser desvencilha-se de um tipo comum de estereótipo em que se generalizava o movimento<sup>8</sup> em torno de uma juventude de “anarquistas obcecados pelos temas do ‘gozo’ sexual” ou pela “linguagem da ‘ereção’ das barricadas”. Num primeiro momento, o filósofo buscou caracterizar Maio de 68 para além dessa representação dominante que vinha sendo construída a respeito de uma juventude em busca de liberdade sexual. Mais amplo do que isso, o movimento da greve estudantil atingiu também os operários, não podendo ser considerado somente um movimento de estudantes contra a ordem estabelecida como outros anteriores, a exemplo dos surrealistas do começo do século XX e dos fascistas da década de 1930 (Althusser, 2017, p. 126).

Na sua visão, Maio de 68 não teria se configurado como uma recusa dos jovens universitários à imposição de certa forma de se comportar socialmente, mas sim como o desenvolvimento de uma “revolta ideológica de massas”, que colocou em xeque a ordem capitalista e as instituições sociais. Sobretudo em razão da greve geral operária, que teria sido “de maneira esmagadora o acontecimento absolutamente determinante”, enquanto as ações estudantis, apesar de “um acontecimento novo e de grande importância”, foram movimentos subordinados ao operário. Caberia ressaltar ainda que os participantes identificados como “juventude”, eram, em sua maioria, estudantes universitários politizados, além de secundaristas e de jovens trabalhadores intelectuais (Althusser, 2017, p. 128).

Ao elucidar o que significaria ser uma “revolta ideológica”, Althusser centralizou as ações operárias perante o movimento como um todo para se voltar criticamente às ações estudantis, pois aí estariam os erros do movimento. A começar pela definição de “juventude” como um grupo social portador de mais liberdade que os demais por causa do lugar *intermediário* ocupado na sociedade, “entre a vida familiar que está abandonando e a vida profissional que ainda não abordou, entre o semissaber e o saber, entre a moral e a política” (Althusser, 2017, p. 126), o filósofo destaca que os estudantes estariam em processo de formação, tendo assim de aprender a fazer política com a ciência ensinada pelos mais experientes.

<sup>7</sup> Trata-se de *A propósito do artigo de Michel Verret sobre o “Maio estudantil”* (2017), publicado originalmente na revista *La Pensée*, em 1969.

<sup>8</sup> Kristin Ross apresenta a memória construída logo após o evento de Maio de 68, sobretudo pela mídia, como se o movimento somente tivesse engendrado uma identidade juvenil apolítica cuja principal preocupação seria o “drama familiar ou geracional”, desprovido inclusive de violência. Em grande parte, a sociologia foi a principal construtora de uma “história oficial” do movimento na qual Maio teria sido somente uma transformação dos costumes e estilos de vida em direção à modernização da França e ao incremento do capitalismo (Ross, 2018, p. 17).

Esta posição intermediária atribuída à juventude retomava a sua concepção esboçada em *Problèmes étudiants*, na qual os jovens estariam a caminho de apropriarem-se do “saber”, sendo que, até a chegada desse momento, lhes restaria um “semissaber”. Coerente com tal concepção, Althusser afirmava que em Maio foram cometidos erros estratégicos, pois as greves, manifestações e ocupações não trouxeram a brecha necessária para a eclosão da Revolução. Esses erros não teriam sido fruto das ações da classe operária, mas sim da juventude escolarizada e, portanto, o papel dos comunistas no pós Maio seria o de corrigir os erros dos “camaradas estudantes”, visto que o dever dos comunistas seria a posse do saber científico tal como enunciado em *Problèmes étudiants*. Para tanto, se deveria levar em conta o desenvolvimento precário desse grupo social, *intermediário*, e considerar seus erros como uma “doença infantil”. Althusser se pergunta, então, o que os comunistas deveriam fazer a fim de “ajudar os estudantes que ainda estão maciçamente presos nos efeitos das ilusões ideológicas, com as quais cobriram em maio, bem ou mal, suas ações por vezes aventurosas, mas corajosas e mesmo heroicas?”.

Assumindo um tom professoral, Althusser responde à sua própria indagação fornecendo explicações à juventude, com o fim de esclarecê-la a respeito dos acontecimentos em que ela mesma esteve presente, já que: “essa espantosa juventude foi obrigada a travar em maio o gigantesco combate, grande demais para as suas próprias forças, no qual se engajou, em uma condição objetivamente dramática: entregue, abandonada a si mesma, logo, *sozinha*” (Althusser, 2017, p. 133, grifo no original). Na passagem, o autor enfatiza um dos principais problemas da atuação juvenil, de acordo com seu balanço desde *Problèmes étudiants*: o isolamento dos estudantes perante a classe operária, e sobretudo a independência dos grupos estudantis em relação às diretrizes do PCF e dos filósofos marxistas da rua Ulm.

Althusser então evoca a “boa doutrina leninista”, neste artigo, para justificar o seu objetivo de se “corrigir um erro, ou preencher uma lacuna resultante de um erro” a partir da análise profunda de suas causas como condição para a sustentação da crítica aos estudantes. No diagnóstico do filósofo, o equívoco dos jovens em Maio tinha sido não só a falta de ciência, como nas greves de 1963, mas também o desconhecimento das origens do movimento operário e o seu papel de proeminência num movimento revolucionário. Por isso a ação política das greves, ocupações e barricadas não passou de uma “revolta ideológica”, pois, conseqüentemente, não se conhecia em que “profundidade histórica ela está enraizada” e assim:

há grandes chances de não ser possível discernir qual é sua significação, qual é seu alcance e qual é seu futuro políticos, portanto, em que medida ela pode ou não ajudar a luta de classe proletária contra o imperialismo, no plano mundial e no plano nacional (Althusser, 2017, p. 128).

Em suma, a caracterização de Maio de 68 como uma “revolta ideológica” deve-se aos erros cometidos pelos seus participantes da juventude universitária, por não terem sido capazes de reconhecerem que uma revolta autêntica deveria saber *a priori* os rumos a se tomar no seu futuro. A ação política é compreendida de forma totalizante, para além dos seus efeitos locais e até mesmo nacionais. O erro dos jovens em Maio teria sido resultante da falta de conhecimento, por parte dos estudantes, da necessidade da direção da classe operária nos combates políticos. Os estudantes deveriam entender que o seu papel se limitaria a *ajudar* na luta revolucionária, por meio do abalo da escola e da Universidade, instituições que Althusser definia, neste artigo, como “aparelhos ideológicos dos Estados imperialistas”. Por isso seria um dever do intelectual comunista ajudar os estudantes a retificar a imagem ilusória que eles possuíam da classe operária, de suas condições de existência e de luta, de seus ritmos, de suas experiências, além de:

fornece todas as explicações *científicas* que permitirão a *todos*, inclusive aos jovens, ver com clareza os acontecimentos que viveram, e orientar-se se o quiserem verdadeiramente, sobre uma base justa, na luta de classes, abrindo-lhes perspectivas justas, e dando-lhes os meios ideológicos e políticos para uma ação justa (Althusser, 2017, p. 135, grifo no original).

Ao incluir o conhecimento sobre a história do movimento operário, Althusser não perde de vista a importância da ciência, conforme já ressaltada em *Problèmes étudiants*, ao se dispor a transmitir explicações científicas dos acontecimentos, a fim de se ter, no futuro, uma revolução de fato e não somente uma “revolta ideológica”. A base da divisão operada entre revolta e revolução seria o seu caráter justo ou não, sendo que o critério para identificar uma ação política de uma forma ou de outra seria o compromisso com a “luta de classes”. As “explicações científicas” continuam a se configurar como uma exigência para fornecimento dos “meios” para a “ação justa”.

Por fim, para Althusser, os agentes sofrem da falta de clareza sobre o que é vivido se não estão instrumentalizados pelas “explicações científicas”, responsáveis pelo esclarecimento sobre a diferenciação entre o engajamento político verdadeiro e as ações políticas falsas ou ilusórias. Para conseguir diferenciar um do outro, a juventude comunista teria o dever de se orientar pela classe operária devidamente dirigida pelo PCF, que deveria ser uma *referência externa* balizadora da experiência estudantil.

### **Aparelhos ideológicos de Estado: a conceituação dos dilemas políticos na Universidade**

Em 1970, o ensaio *Aparelhos ideológicos de Estado* (1983) é publicado. No texto, Althusser retoma a concepção de saber presente nos artigos de debate com o ME, mas não se

trata do mesmo tipo de texto, da polêmica, pois o autor sistematiza teoricamente a diferença entre ciência e ideologia com o intuito de analisar a estruturação da sociedade capitalista como um todo. Para tanto, aprofunda a oposição entre a “ciência” e a “ideologia”, definindo “ideologia” como as “concepções de mundo imaginárias”, que se referem à realidade sem serem, de fato, reais (Althusser, 1983, p. 86). Desse modo, a ideologia é considerada a forma como os homens *representam* suas relações com as condições de existência no capitalismo, determinadas pelo trabalho alienado. Logo, pelo fato de serem relações alienadas, as representações sobre elas seriam necessariamente deformadas. Ao agirem, os sujeitos se manteriam imersos na ideologia, materializada em práticas e rituais necessariamente deformados, reproduzidos pelos aparelhos ideológicos de Estado, tal qual uma teia de que não se consegue escapar facilmente.

Althusser destacava que as classes dominantes manteriam seu poder político e econômico em função da hegemonia desses aparelhos ideológicos de Estado, que se dividiriam em instituições religiosas, partidos políticos, sindicatos, na instituição familiar, nas empresas produtoras de informação, nos órgãos culturais e nas instituições escolares. Desses, a escola exerceria um papel preponderante, pois a ideologia dominante é inculcada nos indivíduos pelo aprendizado, sem que se percebesse, como uma “música silenciosa” emanada desse aparelho (Althusser, 1983, p. 79). Essa metáfora mostraria que a ideologia se consolidaria nos indivíduos de forma “mascarada”, sem que haja plena consciência sobre seus efeitos.

Dessa mesma maneira ocorreria a constituição dos sujeitos, já que “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (Althusser, 1983, p. 93). Ou seja, todas as práticas e as crenças individuais ou coletivas seriam formuladas por uma ideologia, por meio da imersão dos indivíduos nos aparelhos ideológicos de Estado, virtualmente sem possibilidade de intervenção ou reação por parte deles. Por este motivo, a escola seria considerada o principal aparelho ideológico, tendo em vista o seu impacto fundamental no desenvolvimento da construção dos valores e práticas que formariam os sujeitos enquanto tais, num processo cujo sentido lhes é velado.

Seria possível ao sujeito apenas o *reconhecimento* dessas práticas e rituais impregnados no vivido. Justamente pela imersão neste processo, não existiria a possibilidade de se realizar, por conta própria, o *conhecimento* científico sobre tais instâncias cotidianas. Essa diferenciação entre as duas atitudes do sujeito perante o vivido, o reconhecimento e o conhecimento, seria a base da oposição entre ideologia e ciência. Nas suas palavras: “é preciso chegar a este conhecimento se queremos (...) esboçar um discurso que tente romper com a ideologia, pretendendo ser o início de um discurso científico (sem sujeito) acerca da ideologia” (Althusser, 1983, p. 95).

Althusser indica que a ciência comporta um aspecto técnico ou objetivo, assim como o fez em *Problèmes étudiants*, mas agora o relaciona a uma instância constituída sem interferência do sujeito. A oposição entre o conhecimento científico e a realidade tornaria necessária a concepção de uma ciência que estivesse acima tanto da política quanto dos próprios sujeitos. Sendo assim, a noção apresentada por Althusser de “sujeito” é a de um indivíduo determinado pela ideologia, que se limita a reconhecer as práticas ideológicas em que está imerso, sem, no entanto, ser capaz de conhecê-las, de fato. Desse modo, o sujeito poderia até acreditar estar fora da ideologia, mas essa crença seria justamente um de seus “efeitos ideológicos”. Para situar-se *verdadeiramente* para além da ideologia, seria necessário se apossar do conhecimento científico, o marxismo.

Dessa forma, o acesso à “ciência” é concebido, por Althusser, como o único meio seguro de “conscientização” dos sujeitos alienados pela ideologia. A partir do momento em que se apossa da ciência, torna-se possível o alcance de um outro patamar em relação ao real, em que o indivíduo não se limitaria somente a vivenciar a realidade cotidiana, mas seria capaz, sobretudo, de entendê-la, ou seja, de conhecer a organização social em classes, seu engendramento pela divisão social do trabalho e a consequente produção das relações de opressão sobre a classe trabalhadora.

**258**

### **Considerações finais**

Em *Aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser conceitua a oposição entre ciência e realidade que já o acompanhava como modo de criticar as formas autônomas de organização estudantil. A cisão entre duas posturas, o conhecer e o reconhecer, estabeleceria uma divisão hierárquica entre as percepções sensíveis do cotidiano e o conhecimento científico, que deveria estar acima de tais impressões. Para Althusser, não se tratava de assimetrias políticas entre estudantes e professores, mas expressão objetiva da diferença entre quem somente reconhece o real e quem de fato o conhece, pois detém a ciência.

Diante desse quadro, as demandas estudantis que passaram a exigir um reposicionamento da categoria nos espaços de poder da Universidade não seriam mais do que expressões de uma luta e prática *ideológica*, ainda que carregassem inspiração marxista. Para o autor, a *teoria* marxista seria um fenômeno de outra natureza, já que seria em si mesma a ciência em oposição à prática, inclusive a práticas pretensamente marxistas. Esta divisão, central no pensamento althusseriano, estabelece que a teoria seria condição prévia da luta político-econômica, assumindo o poder de esclarecer a prática. Assim, se os estudantes quisessem ultrapassar o ponto de vista ideológico e parar de errar politicamente teriam que assimilar a

teoria marxista formulada por suas organizações representativas em convergência com o PCF, que, por sua vez, deveria alinhar-se ao grupo de filósofos marxistas (Althusser, 1964, p. 103).

Colocar a teoria como condição prévia à prática resultou na interpretação de qualquer atividade política como ideológica, visto que estratégias tradicionais de luta como greves, ocupações, manifestações de rua dificilmente seriam consideradas um desdobramento adequado da leitura rigorosa de Marx. Na década de 1970, esse julgamento recaía, principalmente, sobre os estudantes, mas ocasionalmente também sobre a própria política promovida pelo PCF.

Em 1976, Althusser complementou a dicotomia entre ciência e ideologia a partir da afirmação de que todos os partidos e movimentos políticos estariam imersos na ideologia burguesa, à exceção do partido operário, no seu caso, o PCF. Nos partidos, a ideologia burguesa se manifestaria na reprodução de bandeiras gerais como “direitos do homem”, “vontade geral”, “eleições”, tendo em vista que essas pautas seriam próprias do “aparelho ideológico de estado político” (Althusser, 1983, p. 122).

O PCF seria o único partido que conseguiria ultrapassar o âmbito da ideologia, por não se prender a tais limitações, por possuir a doutrina científica do marxismo e por estar acima do “aparelho ideológico do estado político”. Mas, mesmo assim, Althusser alertava que os comunistas deveriam permanentemente vigiá-lo a fim de que não recaísse em revisionismos como a própria participação eleitoral irrestrita ou o pleno apoio às pautas sindicais corporativistas, de interesse imediato dos trabalhadores. Feito o alerta quanto à atuação do partido, Althusser afirmava novamente que, aos estudantes só restaria se submeterem à direção deste partido corretamente encaminhado, o que na Universidade significava a obediência a seus professores marxistas.

Apesar de algumas poucas ressalvas ao PCF, o “partido da teoria marxista” liderado por Althusser se dedicou com veemência a diagnosticar os erros concretos da ação política estudantil para orientá-la em direção à submissão ao saber dos intelectuais marxistas, tanto antes quanto após os eventos de Maio de 68. Inclusive, a eclosão da revolta teria sido uma comprovação prática dos seus fundamentos teóricos, segundo os quais os estudantes estariam imersos na ideologia em razão da sua posição perante o saber, já que, por atuarem *sozinhos*, as greves, ocupações e manifestações de rua em 1968 não levaram, afinal, a uma mudança estrutural da sociedade capitalista. Ao insistirem nos erros, os estudantes se manteriam no ciclo vicioso da prática ideológica.

**Referências bibliográficas**

ALTHUSSER, Louis. Problèmes étudiants. **La nouvelle critique**, janvier, n° 152, pp.80-111, 1964.

ALTHUSSER, Louis. A propósito do artigo de Michel Verret sobre o “Maio estudantil”. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 44, 2017, p. 23-135.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

ALTHUSSER, Louis. **Pour Marx**. Paris, La Découverte, 1996.

ALTHUSSER, Louis, *et al.* **Lire le capital**. Paris, Quadriage/PUF, 1996.

COSTA, Luís. Althusser, leitor de Marx. **Cult**, São Paulo, n. 228, 5 de outubro de 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/althusser-leitor-de-marx/>. Acesso em: 31/03/2025.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. Althusser, a crise do marxismo e a crítica à ilusão jurídica da política. **Lutas Sociais** (PUCSP), v. 18, p. 160-171, 2014.

MORIN, Edgar. A comuna estudantil. In: LEFORT, Claude, CASTORIADIS, Cornelius, MORIN, Edgar. **Maio de 68: a brecha**. Organização e tradução de Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

OTA, Nilton. A quarta parede do marxismo francês: maio de 68 e a invenção dos dispositivos intelectuais de engajamento. **Doispontos**, Curitiba, São Carlos, volume 13, número 1, p. 53-72, abril de 2016.

RAMOS DO Ó, Jorge. Vincennes, o desejo de aprender na universidade e as nossas vidas. **Público**, Lisboa, 10 de junho de 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **La leçon d’Althusser**. Paris: La Fabrique éditions, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **La méthode de l’égalité: entretien avec Laurent Jeanpierre et Dork Zabunyan**. Paris: Bayard, 2012.

ROSS, Kristin. **Maio de 68 e suas repercussões**. Tradução de José Ignácio Mendes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.